



A FOME

Marana Borges

Ele virá. É certo que virá. Quando um lugar se esgota, também o cheiro desaparece. Mas a casa cheira a coisas que nunca acabaram. Ele virá. As manchas no tapete seguem iguais, devem ser de café, outras de sopa. Ainda há arroz na despensa. Ele gosta tanto de arroz, come-o com a mão e às vezes me obriga a comê-lo cru. Mesmo o açúcar empedrado poderia ter sido consumido pelas formigas, elas o rodeiam em volta do vidro, talvez algumas tenham entrado e sido soterradas pelo que parece ser, visto de fora da vasilha, grandes deformações de neve. Mas logo as formigas desaparecem e ali está o açúcar na vasilha de cristal, em cima da geladeira. Tudo em seu lugar. À espera.

Sei quando ele chega em casa pelo cheiro do casaco, nos bolsos deve ter esquecido alguma comida, por isso cheira tão mal. A costura na região dos ombros está para ceder; de tempos em tempos, se escutam as linhas romperem-se. Ele é muito grande para o casaco, mas apegou-se demais à roupa. Ao que parece, comprou-a em loja de segunda mão e jamais a levou a qualquer costureira. Elas

se negariam a consertá-la, melhor se a jogasse no lixo. Não fosse esse abrigo, contudo, eu não saberia da presença dele, a menos que tivesse mais um acesso de raiva. Então, o ouviria esmurrar a porta e chamar meu nome. Faminto. Andaria apressado pelo corredor, batendo com os pés no chão, até envergar as madeiras.

Nunca o ouço falar ao telefone. O mais provável é que não queira me incomodar. Ele sabe do meu gosto pelo silêncio, nota como fico apavorado com seus acessos de raiva. Poderia, por exemplo, cochichar com as mãos em forma de concha, cobrindo parte da barba. Em vez disso, apenas disca alguns números, sem completá-los. Sei disso porque, quando arrastei o aparelho, percebi que estava engordurado. Tinha o mesmo cheiro do casaco dele, que é o mesmo de suas mãos e de sua boca.

Estamos cada vez mais parecidos. Ambos temos sobrancelhas grossas e, se eu fingisse estar furioso como ele, a expressão do rosto seria idêntica. O desenho da boca, com o lábio superior um pouco maior, também é bastante semelhante ao meu. Tínhamos tudo para nos dar bem. Nunca entendi ao certo de onde vem tanta fúria, ou por que ele não acaba logo com isso, mas prefere me manter vivo. Há um tempo venho sentindo raiva e um pouco de nojo, embora o considere um homem correto, inclusive me oferece arroz para eu não emagrecer tanto. Intriga-me essa distância estabelecida entre nós, a falta de informações a seu respeito obriga-me a preenchê-las com aquilo que penso ser ele: um homem solitário. Apesar de manter a boca sempre entreaberta, jamais conversa comigo. Não respira pelo nariz, mas por ela, qual um bicho esfomeado.

Também come pela boca, mas com as mãos. Ele come minhas mãos com as mãos, pela boca. É somente nesses momentos que se aproxima.

Ele não se despediu porque voltará. As pessoas, ao fugirem, também nada dizem. Mas ele era muito cordial, jamais conseguiria sair e deixar a casa só. Nem se estivesse nervoso. Fugir não faz seu tipo. Enquanto está livre da raiva, a raiva que lhe arrasa os nervos feito uma loucura, é um homem correto, gosta de livros e os tem aos montes, junto à pia, à grade de ferro do fogão, empilhados nas cadeiras e na escada, as páginas cheias de gordura. Acumulam-se como os restos de comida nos sacos pretos. Se tivesse avisado que iria embora para sempre, talvez eu até lhe pedisse para ficar. Assim, eu poderia sair dessa vigília. Fico à sua espera, impassível, sem saber ao certo se já chegou.

O telefone nunca toca, às vezes penso que continua quebrado. Se eu o retirasse do gancho, ouviria o nada das coisas que nunca acabam. Durante um dos seus ataques de cólera, corri para a sala, atrás do telefone. Deslizei os dedos sobre o fio, buscando a parte certa para encaixá-lo na tomada. Queria pedir ajuda. Depois de tantos anos assim, é claro, qualquer um começa a pensar em fugir. Talvez me sentisse culpado por haver tentado escapar, talvez eu estivesse demasiado culpado, fato é que não consegui encontrar a tomada e arrastei o aparelho por quase um metro, no escuro, riscando a parede sem reboco e ferindo as mãos. Enquanto rastejava, ele veio até mim, enfurecido, e recomeçou com aquelas coisas.

A boca entreaberta. Eu o vi deixar a porta assim um dia, depois da fome.

É difícil precisar quando ele partiu. Por azar, esqueceu-se justamente do casaco. Trata-se de um abrigo pesado de inverno, herdado do pai. É um pouco apertado para a largura dos ombros, mas no braço o couro fica rente ao pulso. De modo que a casa segue com o cheiro dele, mesmo sem que esteja aqui. Não é possível afirmar com certeza onde a roupa foi deixada, deve estar na cadeira da cozinha. De onde estou enxergo apenas a geladeira, parte da pia e algumas prateleiras da despensa. Pode estar em qualquer cômodo, até mesmo em seu quarto. No entanto, o cheiro mais forte, cada vez mais forte, vem da cozinha. É estranho que não tenha levado seu casaco em dias tão frios. Nem se estivesse com raiva. Colocaria primeiro o casaco, depois sairia, batendo a porta atrás de si.

Antes do açúcar empedrar, havia espaços vazios entre os grãos. Os espaços vazios são desesperadores, alguma visita poderia vir e se instalar pensando ser um lugar vago. Não o é. Todos os lugares esperam que ele volte e os ocupe. A casa toda lhe pertence, a ninguém mais. De uma forma ou outra, todos o esperam. O açúcar empedrado espera. Voltará a ser pó assim que o vento secar a casa. Tardará, pois as cortinas são grossas e causam uma certa asfixia. Aqui dentro se está à vontade, mas eu preferia que fosse menos úmido. A tosse piorou. Com o que resta de minhas roupas, coloco-as dentro da boca, amassadas, assim faço menos ruído. Na verdade, não sei se estaria melhor lá fora. Eu desconheço o lá fora. Essas cortinas são pesadas demais.

Da última vez que me atacou, ele estava decidido a me matar, eu acho. Não porque o quisesse, mas por medo.

No fundo, tem medo de mim, medo que eu o mate antes. Está velho, um dia eu poderia matá-lo. Não por vingança, claro, mas por fome, o que é o mesmo. Então, roubaria seu lugar nesta casa. Ninguém se daria conta, pois parecemos um com o outro. Não, eu não conseguiria. Sou um homem correto. De tão culpado, decerto não poderia tocar em nada à minha volta, tudo lhe pertence. Pensar que ele tem medo de mim, no entanto, me deixa mais forte, embora não o suficiente para sair daqui. Seria a hora de correr como um louco e me arremessar à janela até ser despejado para fora. Mas ainda não. Somente quando tiver certeza de que ele não aparecerá de repente, como costuma fazer, e me descobrir. Eu espero.

Ele já deveria estar aqui. Deveria chegar a tempo de ter mais raiva, a raiva que lhe sai pelos olhos como veias cinzentas. Também se chama: fome. No último dia, avançou sobre mim com os passos largos de quem tem pressa. Era sua última chance, ele sabia. Os movimentos foram muito rápidos, não consegui acompanhá-los bem. Tomou-me pelos braços, apertando-me as costas, e começou. Erguido à altura de sua boca, não reagiu. Ele mordida-me os ombros, movendo minha cabeça para trás, e depois o pescoço, o queixo. Eu mal conseguia respirar, tamanha a pressão que me fazia no dorso. Algumas moedas caíram do seu bolso, mas não se abaixou para recolhê-las. Por alguns segundos, perdi a consciência. Deve ser por isso que, depois, ele me jogou de lado: achou que eu estivesse morto. Tudo o que lembro são os rastros da pele dele movendo-se, vermelha. Estáticos estavam apenas os olhos. De tanto desespero, creio. Se são os mesmos

olhos. Se até os meus ombros fazem lembrar os dele. Somos mesmo muito parecidos.

Dentro da fome, pensei como logo ele esqueceria a porta entreaberta, a boca ainda mastigando os meus pedaços. Na casa não há vento. As cortinas, tão pesadas, e a porta que não se fecharia. Escapei.

Nos primeiros dias após meu desaparecimento, ele esmurrou com força todos os objetos à sua volta e os atirou contra as paredes. Um deles acertou-me em cheio no olho, mas não pude gritar para não ser descoberto. Ademais, sempre gostei de silêncio. Por muito tempo ele ainda tentou me achar, correndo de um lado a outro, abrindo todos os armários e os sacos de lixo que costumava guardar em casa. Se continuasse assim, acho que enlouqueceria. Mas daí dizer que fugiu me parece exagerado. Nem se estivesse com medo.

Lembro-me, ao escapar pela porta entreaberta, de eu me sentir um pouco atordoado, tentando carregar o peso do meu rosto com as mãos. Um rosto desfigurado, já não podia dizer que sou a cara do meu pai. Enquanto corria, pensei: ele não aguentará viver tão só. Passou-me pela cabeça que ele não suportasse, simplesmente. Tive muita pena, mas, pela primeira vez, nossas sobranceiras se cruzaram, idênticas: eu estava faminto. Que se chama: fúria. Eu o vi de relance sentar-se na cadeira da cozinha, vestido com o casaco de inverno. Fui ao seu encontro. Desde então, vivo escondido entre estacas de madeira, num lugar impreciso entre a cozinha e a despensa, no único lugar vazio da casa, juntando os joelhos ao peito. Preciso de pouco espaço. Basta evitar a respiração ofegante e

manter-me quieto. Assim, ele jamais me encontrará. Sei que, se continuar muito mais tempo desse jeito, morrerei de fome. Mas agora só penso em esperar, e às vezes me confundo se desejo tê-lo de volta ou não.

Pelos vidros engordurados do pote de açúcar não se vê se é noite. Eu penso ser neve. Tudo em seu lugar. Quando ele vier, dentro da fome e do medo, me seguirá devorando. Terá a face coberta de fungos e eczemas. Pensando bem, seria bom se algum caruncho entrasse nos potes de arroz, na torneira da cozinha, a torneira da cozinha quebrou, não se ouvem mais as gotas caírem, se as baratas se embebedassem das manchas do tapete e as formigas devorassem o açúcar. Assim, a casa não estaria tão só, e todos sairíamos da posição de espera.

Preocupa-me se ele vai demorar muito, o cheiro do casaco tornou-se insuportável, a casa toda fede, mas não posso sair daqui para afastar o abrigo ou mesmo jogá-lo no lixo. Ele virá buscar seu casaco. Jamais o abandonaria. Nem se estivesse morto.